

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEFIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ANÁLISE DE 96 PLANOS DE AULA DO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO
PARADESPORTO: UM ESTUDO QUALITATIVO.

DANIELLE CRISTHIANE DE LIRA

RECIFE

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEFIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ANÁLISE DE 96 PLANOS DE AULA DO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO
PARADESPORTO: UM ESTUDO QUALITATIVO.

DANIELLE CRISTHIANE DE LIRA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientador: André Luiz Torres Pirauá

RECIFE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L768a Lira, Danielle Cristhiane de
ANÁLISE DE 96 PLANOS DE AULA DO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO PARADESPORTO: UM
ESTUDO QUALITATIVO / Danielle Cristhiane de Lira. - 2021.
54 f. : il.

Orientador: Andre Luiz Torres Piraua.
Inclui referências e apêndice(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Educação Física, Recife, 2021.

1. Planejamento. 2. Programa Segundo Tempo Paradesporto. 3. Plano de Aula. 4. Pessoa com
Deficiência. I. Piraua, Andre Luiz Torres, orient. II. Título

CDD 613.7

DANIELLE CRISTHIANE DE LIRA

**ANÁLISE DE 96 PLANOS DE AULA DO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO
PARADESPORTO: UM ESTUDO QUALITATIVO.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Recife, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Luiz Torres Pirauá
Orientador

Prof. Dr. Rafael Miranda Tassitano

Prof^a. Dr. Natália Barros Beltrão

Dedico este trabalho a Deus, por estar sempre comigo. A minha família que sempre acreditou em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que sempre se mostrou presente em minha vida, pois sem ele nada disso seria possível.

As minhas mães, Rosilene da Silva, Vanessa Cardoso e Cecília Maria, que sempre foram exemplo de luta e persistência, as quais devo minha imensa gratidão por todos os esforços realizados por mim.

Ao meu pai, que me ensinou a ser livre, a lutar pelo que acredito, que sempre acreditou e me lembrou do potencial que nem eu mesma achei que existia em mim, por todo apoio e investimento, pois sem ele não teria conhecido o mundo da universidade.

Aos meus irmãos, Althan Thorpe, Arthur Cardoso e a minha tia, Isabel Ferreira que são motivos de orgulho e que contribuíram imensamente em minha vida, para que eu sempre fosse uma pessoa responsável e não me deixaram desistir.

Ao meu namorado Caio Albuquerque, que sem sombra de dúvidas é parte fundamental dessa conquista, sem ele eu teria postergado minha formação, obrigada pela compreensão e incentivo, por cada palavra de apoio, por estar comigo em meus momentos difíceis, por sempre me fazer lembrar do meu potencial, por não me permitir desistir, por me lembrar pelo o que eu estava lutando e como cheguei até aqui.

Aos meus sogros, Haroldo Albuquerque e Sandra Moraes, que sempre cuidaram de mim como uma filha, por todo cuidado e acolhimento. Deixo aqui meu agradecimento especial a minha sogra Sandra Moraes, por todo suporte a mim concedido, por tudo a mim proporcionado em momentos em que precisei estudar, trabalhar, por me levar e me buscar durante essa trajetória, por ser um exemplo de pessoa e de mãe.

Ao meu orientador Dr. André Pirauá por aceitar estar ao meu lado nessa grande conquista, pela paciência e por todas os ensinamentos que em mim investiu, gratidão pelo PIBIC que foi de extrema importância na minha formação acadêmica.

Aos professores e professoras, pelos caminhos a mim apontados para que eu pudesse escolher qual futuro eu seguiria, obrigada por toda dedicação e trabalho. Em especial a Professora Cecilia Tenório e Natália Barros, o carinho e os cuidados delas sempre me alcançou, que sempre me ensinou para além da disciplina, ensinou para a vida, são exemplos de professoras para mim.

Aos amigos que fiz nessa jornada, que estiveram ao meu lado, por todo apoio, carinho e dedicação. Em especial a Gabriela Eanes, Fabiana Luciano e Wilson Paulo, por todas as lágrimas, sorrisos e abraços que vivemos juntos nesses anos de peleja e de glória.

Por fim, o meu muito obrigada a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), a todos esses anos de luta, de conquistas e de ensinamentos.

“O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele”.

Immanuel Kant

RESUMO

A elaboração do plano de aula compete uma série de ações que precisam ser estruturadas através do planejamento. Ações essas que garantam o estímulo e a progressão do aluno durante as atividades, promovendo o desenvolvimento da aprendizagem. Para a elaboração de um plano de aula para pessoas com deficiência, deve-se pensar nas estratégias que podem ser colocadas em prática e na flexibilização da aplicação desse plano, como também nas limitações e necessidades desses alunos. Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo geral analisar, sob a perspectiva do monitor extensionista, os desafios e possibilidades durante o processo de elaboração e aplicação dos planos de aula no Programa Segundo Tempo Paradesporto. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, de característica descritiva, que seguiu as recomendações da *Standards for Reporting Qualitative Research: A Synthesis of Recommendations*. Foram considerados 96 planos de aula, aplicados durante o período vigente do PST Paradesporto (fevereiro de 2019 a março de 2020). Este estudo demonstrou que a elaboração e aplicação dos planos de aula, para pessoas com deficiência, requer uma maior flexibilidade em todas as dimensões do plano de aula, como por exemplo no tempo das atividades e nos conteúdos aplicados, bem como nas adaptações das atividades, considerando as especificidades de cada deficiência, as limitações e dificuldades dos alunos.

Palavras-chave: Planejamento; Programa Segundo Tempo Paradesporto; Plano de Aula; Pessoa com Deficiência;

ABSTRACT

The preparation of the lesson plan involves a series of actions that need to be structured through planning. These actions ensure the encouragement and progression of the student during the activities, promoting the development of learning. For the elaboration of a lesson plan for people with disabilities, one must think about the strategies that can be put into practice and making the application of this plan more flexible, as well as the limitations and needs of these students. Therefore, the present work had as general objective to analyze, from the perspective of the extension monitor, the challenges and possibilities during the process of elaboration and application of the lesson plans in the Programa Segundo Tempo Paradesporto. This is a study with a qualitative approach, with a descriptive characteristic, which followed the recommendations of the Standards for Reporting Qualitative Research: A Synthesis of Recommendations. 96 lesson plans were considered, applied during the current period of the PST Paradesporto (February 2019 to March 2020). This study demonstrated that the preparation and application of lesson plans, for people with disabilities, requires greater flexibility in all dimensions of the lesson plan, such as the timing of activities and applied content, as well as in the adaptations of activities, considering the specifics of each disability, the limitations and difficulties of the students.

Keywords: Planning; Second Half Parasports Program; Class plan; Person with Disabilities;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Modelo para o mapeamento do diagnóstico.

FIGURA 2 – Ilustração sobre os objetivos.

FIGURA 3 - Fluxograma sobre a seleção e organização de conteúdo.

FIGURA 4 - Fluxograma sobre as estratégias metodológicas.

FIGURA 5 - Fluxograma sobre os recursos didáticos.

FIGURA 6 - Fluxograma sobre avaliação diagnóstica.

FIGURA 7 - Fluxograma sobre avaliação formativa.

FIGURA 8 - Fluxograma sobre avaliação somativa.

FIGURA 8 – Modelo para orientação do planejamento.

LISTA DE SIGLAS

DEFIS – Departamento de Educação Física

DI – Deficiência Intelectual

PST – Programa Segundo Tempo

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	13
2.1 Objetivo geral	13
2.2 Objetivos específicos	13
3 Revisão de literatura	14
3.1 O Programa Segundo Tempo (PST): aspectos gerais do PST padrão e especificidades do PST Paradesporto	14
3.2 Planos de aula: aspectos conceituais e aplicações práticas	16
3.3 Elaboração e aplicação dos planos de aula no contexto das deficiências	28
4 METODOLOGIA	31
4.1 Abordagem do estudo	31
4.2 Característica da pesquisadora	31
4.3 Contexto	32
4.4 Estratégia de amostragem	33
4.5 Questões éticas	35
4.6 Métodos de coleta e análise de dados	35
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	37
6 CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE	47

1 INTRODUÇÃO

O Programa Segundo Tempo (PST) foi criado em 2003, desenvolvido pela Secretaria Especial do Esporte do Ministério da Cidadania, com o objetivo de democratizar o acesso à prática e a cultura por meio do esporte educacional. O programa é ofertado para crianças, adolescentes e adultos de diversas faixas etárias, com atividades de múltiplas vivências (OLIVEIRA; PERIM, 2009). O PST se estrutura a partir de núcleos esportivos educacionais, que se configuram em espaços públicos e privados.

O programa é dividido em três vertentes: o PST padrão, o PST Universitário e o PST Paradesporto, que atende pessoas com deficiência a partir de 6 anos de idade (OLIVEIRA; PERIM, 2008). As práticas corporais nos núcleos do PST Paradesporto, especificamente, têm como objetivo principal o estímulo ao desenvolvimento das potencialidades dos beneficiados, respeitando seus limites, além de promover a convivência, interação, o respeito em grupo, a busca pela autonomia e independência (OLIVEIRA; PERIM 2008). Para além disso, é importante considerar os tipos de deficiência dos beneficiados que são atendidos, tais como: deficiência física, sensorial, intelectual, múltipla e outras.

Diante disso, o PST Paradesporto tem como objetivo de proporcionar as pessoas com deficiência uma melhoria na qualidade de vida mediante suas necessidades e respeitando suas limitações, através das práticas de atividades físicas sistematizadas pelo professor (OLIVEIRA; PERIM 2009). Um paralelo a essas atividades sistematizadas está associado ao discernimento sobre planejamento que o

professor possui e mais especificamente como deve ser elaborado e aplicado para pessoas com deficiência, que garanta um ensino de qualidade (ALVES; NETO, 2017).

De acordo com Libâneo (1990), o planejamento no contexto educacional é a base para a organização e previsão da aula. É crucial que o planejamento reverbera a organização das ações expressando uma série de componentes básicos sistemáticos em sua estrutura, que proporcione ao aluno desenvolvimento no ensino e aprendizagem (PILETTI, 2004). Essa organização é fundamental para a realização da estrutura do plano (OLIVEIRA; PERIM, 2008). Outro aspecto importante para o sucesso do plano de aula é que o professor estabeleça uma interação com o aluno, no sentido de que se construa uma relação com o mesmo (LOPES, 2009). A partir disso, o professor conhecerá a realidade do aluno e suas necessidades, evitando o imprevisto nas atividades.

Especificamente no contexto da aplicação do plano de aula com crianças/adolescentes com deficiência, torna-se ainda mais difícil seguir um planejamento. Embora o plano de aula seja fundamental para nortear as ações do professor, é importante considerar possibilidades de flexibilização especialmente para pessoas com deficiência.

Ao pensar em como planejar um plano de aula para pessoas com deficiência, surgem indagações como: será que na deficiência a flexibilização do plano deve ser ainda maior? E ainda, quais as preocupações e os cuidados na hora de elaborar o plano para pessoas com deficiência? Logo, os motivos que permeiam a escolha desse tema partem da minha experiência dentro do PST Paradesporto. Nessas vivências, percebi que as atividades idealizadas para os beneficiados do programa tinham de

ser planejadas de uma forma mais aberta a mudanças, visto que em alguns momentos era necessário mudar completamente o que foi planejado. Portanto, pondera-se necessidade de estudos que tragam contribuições na elaboração dos planos de aula que considere não somente a flexibilização, mas também as preocupações e os cuidados na hora de elaborar o plano de aula para pessoas com deficiência.

Diante disso, o problema que norteará essa pesquisa será: quais os desafios e possibilidades na elaboração e aplicação dos planos de aula no PST Paradesporto? Tendo como objetivo geral analisar os desafios e possibilidades durante o processo de elaboração e aplicação de 96 planos de aula no PST Paradesporto.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar os desafios e possibilidades durante o processo de elaboração e aplicação de 96 planos de aula no Programa Segundo Tempo Paradesporto.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever o processo de elaboração dos planos de aula no Programa Segundo Tempo Paradesporto.
- Identificar os desafios para aplicação dos planos de aula no Programa Segundo Tempo Paradesporto.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 O Programa Segundo Tempo (PST): aspectos gerais do PST padrão e especificidades do PST Paradesporto

O Programa Segundo Tempo foi criado em 2003, desenvolvido pela, então, Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social, da Secretaria Especial do Esporte do Ministério do Esporte, visando oferecer a crianças, adolescentes e adultos de diversas faixas etárias, atividades de múltiplas vivências esportivas (OLIVEIRA; PERIM, 2008).

O PST se estrutura a partir de núcleos esportivos, por meio de parcerias com a Secretaria do Esporte e as entidades públicas e as instituições federais, cuja atividades acontecem em vários espaços como quadra poliesportiva e salas, simultaneamente ou não (OLIVEIRA; PERIM, 2009). Essa mesma Secretaria disponibiliza recursos financeiros para aquisição de materiais esportivos e para recursos humanos, onde existe toda uma equipe de profissionais contratados para a viabilização do programa, tais como coordenadores pedagógicos e monitores (OLIVEIRA; PERIM, 2008). Além disso, tais recursos são destinados na formação continuada dos professores e monitores do programa disponibilizados em cursos à distância e seminários presenciais, como também pela disponibilização de livros e artigos publicados durante os anos do PST para nortear as ações pedagógicas (OLIVEIRA; PERIM, 2008).

O foco do PST é o desenvolvimento do esporte educacional, que tem o intuito de desconstruir a visão competitiva, de condicionamento, que vão além das aptidões

e das habilidades, que muitas vezes é dominante na Educação Física e que é enfatizada pela categoria esportiva (OLIVEIRA; PERIM, 2009). O esporte educação compreende conteúdos educacionais, com princípios educacionais que se preocupam com a cooperação, com o trabalho coletivo, com a integração, a participação de todos, com responsabilidades, com respeito as regras que levam a disciplina, onde o importante é ter o contato com as modalidades (TUBINO, 1993).

Um dos objetivos do Programa é colocar ao alcance das pessoas o acesso à prática e a cultura do esporte, proporcionando através deste o desenvolvimento social e a melhoria da qualidade de vida dos participantes, principalmente aqueles que vivem em áreas de vulnerabilidade social (OLIVEIRA; PERIM, 2009).

Os princípios do PST incluem: 1) o direito de cidadania, 2) participação irrestrita, com a democratização da participação para todos, 3) diversidade de experiências, com o intuito de aprimorar o conhecimento e potencializar as vivências/experiências através das atividades, 4) transcendência pedagógica. Esse último aspecto merece destaque, pois oferece aos beneficiados a possibilidade de aprendizagem através da cultural corporal em três dimensões de conteúdos: procedimental, conceitual e atitudinal; e seus valores como por exemplo inclusão e cooperação. Todas as três vertentes do programa se materializam por núcleos esportivos realizadas entre o ministério do esporte e pelas instituições de ensino.

A infraestrutura deve ser adequada para a realização das práticas e os alunos podem participar no contra turno escolar, interferindo positivamente em um melhor rendimento escolar durante a participação no programa. O programa é dividido em três vertentes: o PST padrão, que atende crianças e adolescentes de 6 a 17 anos de

idade, o PST Universitário, que atende alunos universitários de instituições públicas independente da idade e o PST Paradesporto, que atende pessoas com deficiência a partir de 6 anos de idade. As atividades são realizadas em modalidades e práticas corporais, coletivas e individuais que abrangem uma diversidade de atividades como vôlei, basquete, jogos, futebol, dança e outras. Especificamente para a execução do PST Paradesporto é importante considerar os tipos de deficiência dos beneficiados, tais como: deficiência física, sensorial, intelectual, múltipla e outras.

Ao tratar, mais especificamente, as práticas corporais nos núcleos do PST Paradesporto, observa-se como objetivo principal o estímulo ao desenvolvimento das potencialidades dos beneficiados, respeitando seus limites, além de promover a convivência, o respeito em grupo e a busca pela autonomia desses beneficiados.

Destarte, o PST padrão, o PST Universitário e o PST Paradesporto se utilizam do esporte como instrumento para a contribuição à formação dos beneficiados, conseqüentemente para a melhoria da qualidade de vida, que vai desde a inclusão social ao aprimoramento da autonomia do mesmo.

3.2 Planos de aula: aspectos conceituais e aplicações práticas

O ato de planejar consiste, dentre outras características importantes, em estruturar, por meio de um documento norteador, por exemplo, a direção das estratégias de ensino, que amparam e orientam professor na sua prática pedagógica (LIBÂNEO, 1990). Além disso, o planejamento no contexto educacional é a base para a organização e previsão da aula (LIBÂNEO, 1990). Essa organização compreende

na realização da estrutura do plano, tais como o diagnóstico, objetivos, seleção e organização dos conteúdos, estratégias metodológicas, seleção de recursos e processos avaliativos. (OLIVEIRA; PERIM, 2008).

No planejamento pedagógico é primordial que exista sentido e significado na ação das atividades, e isso só é possível com a sistematização dos conhecimentos que irão ser abordados, o que ocorre durante o processo de construção do plano (OLIVEIRA; PERIM, 2008). Nesse sentido, é necessário haver uma sequência coerente de elementos que expressem intencionalidades e que atendam adequadamente o público-alvo (LIBÂNEO, 1990). Logo, deve ser pensado para atender as necessidades desse público com a intenção do como fazer, aplicando a teoria à prática, e não apenas no fazer por fazer, almejando o objetivo principal: o que se deseja ser aprendido (LIBÂNEO, 1990).

Um dos princípios básicos para o planejamento, é o mapeamento da realidade em que o aluno está inserido, os conhecimentos e as experiências vivenciadas anteriormente para estabelecer um diagnóstico adequado (OLIVEIRA e PERIM, 2008). Desse modo, é possível identificar qual o melhor formato para determinada aula, quais os tipos de atividades e materiais adequados (RANGEL; BARBOSA, 2008). A elaboração do diagnóstico pode acontecer durante todo o processo de ensino: no início, verifica-se o conhecimento prévio dos alunos; no decorrer do processo, as progressões e dificuldades; e por último, uma análise detalhada das informações assimiladas do processo de ensino e aprendizagem (DARIDO, 2012). É através dessa análise que o professor irá construir metas, objetivos e/ou ajustes no planejamento (RANGEL; BARBOSA, 2008). Existem diversos instrumentos que

podem ser utilizados na diagnose de uma aula, tais como: debates, exercícios, entrevistas, roda de conversas, relatórios e testes (SILVA, MATOS e ALMEIDA, 2014). A figura 1 ilustra um fluxograma com um modelo para o mapeamento diagnóstico dos instrumentos de diagnose comumente utilizados para elaboração de um plano de aula.

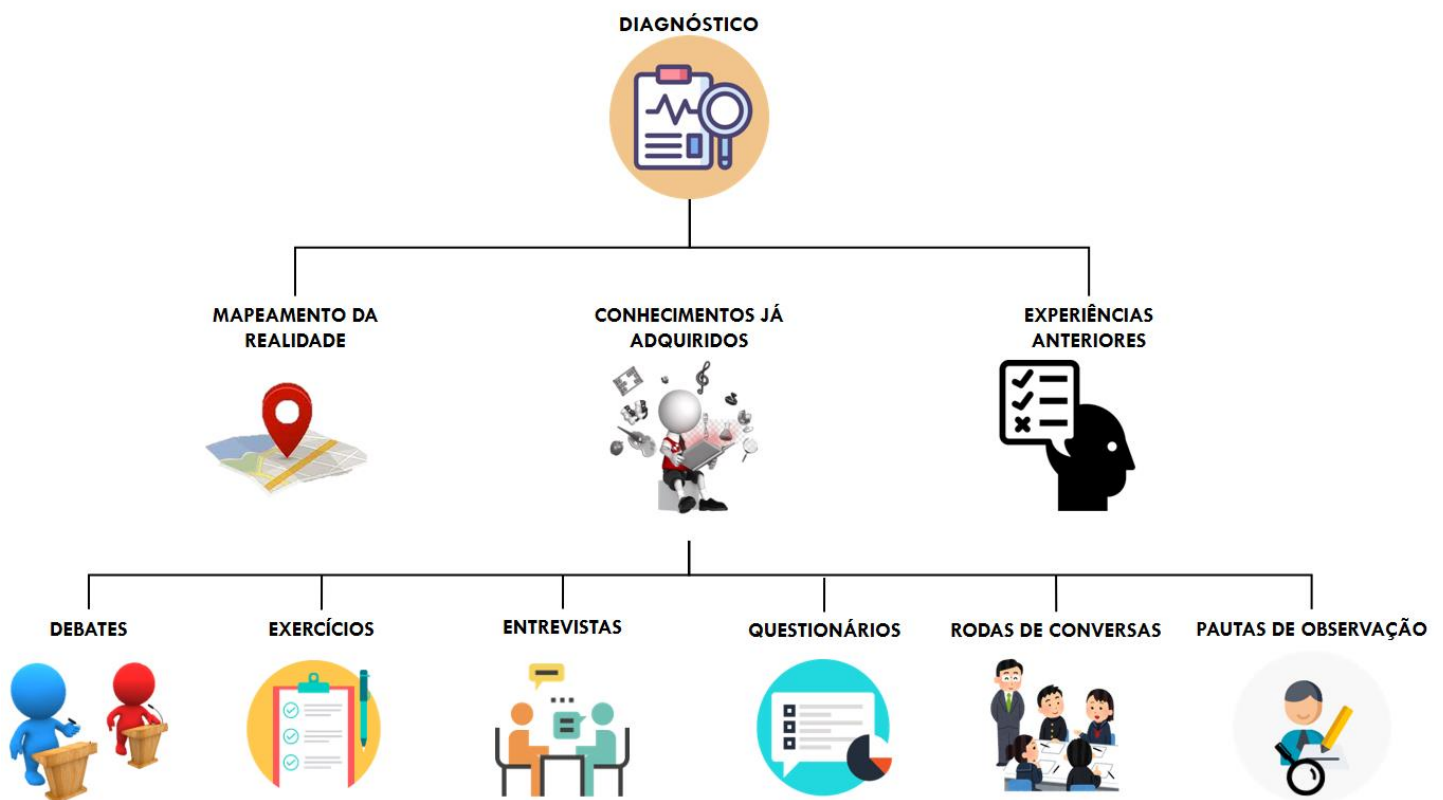


Figura 1. Modelo para mapeamento diagnóstico.

Após a elaboração do diagnóstico, inicia-se a estruturação dos objetivos para a organização das ações do plano, ações essas que permitam orientar o processo de ensino (OLIVEIRA; PERIM, 2009). Os objetivos articulam-se com a organização de conteúdos, com a orientação de procedimentos e com a perspectiva da antecipação de possíveis resultados preestabelecidos a serem alcançados pelo aluno, como consequência do processo de ensino e aprendizagem (SILVEIRA, 2005). Dessa

forma, os objetivos precisam ser claros e expressar uma ação, uma intencionalidade (SCHEWTSCHIK, 2017).

Os objetivos devem ser escritos por verbos no infinitivo e visam a perspectiva do que o aluno deverá saber, ser capaz de realizar e qual compreensão terá ao final de um período educacional (SPUDEIT, 2014). Os objetivos são divididos em geral e específico, onde os objetivos gerais são mais amplos e levam mais tempo para serem alcançados, já os objetivos específicos expressam as expectativas do professor sobre o aluno, sobre o que deseja que o aluno aprenda, no âmbito das suas habilidades e comportamentos (SILVEIRA, 2005). Uma outra possibilidade de elaboração dos objetivos é pelo uso da Taxonomia de Bloom, que acredita que para definir os objetivos é preciso considerar os domínios cognitivos, afetivos e psicomotor, onde os objetivos são estabelecidos a partir de uma classificação de aprendizagem, divididas em três domínios e estabelecidas por níveis hierárquicos no processo de ensino que os alunos devem passar (GALHARDI; AZEVEDO, 2013). A figura 2 ilustra um fluxograma sobre os objetivos.

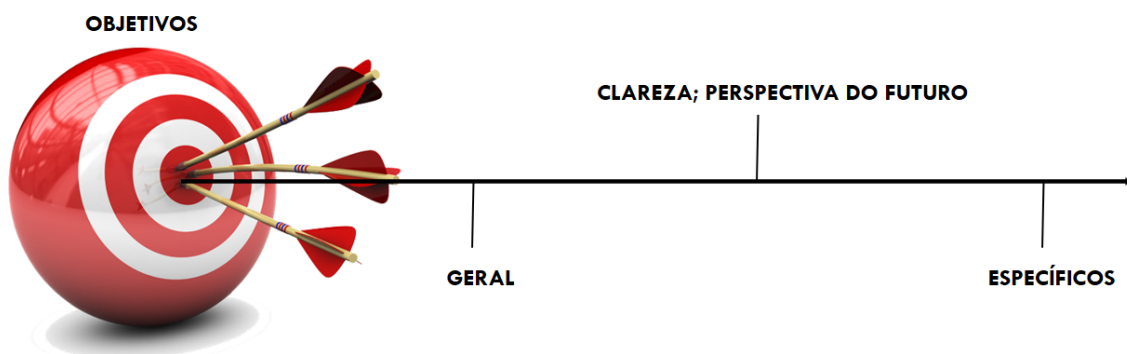


Figura 2. Ilustração sobre os objetivos.

Na medida que os objetivos são definidos, segue-se a seleção e organização dos conteúdos, que se destinam a conhecimentos sistematizados realizados pela ação didática do professor (LIBÂNEO, 1990). Existe uma ligação coerente e direta entre objetivos e seleção de conteúdos, isso porque para se alcançar os objetivos é preciso pensar em quais conteúdos precisam ser trabalhados (SILVEIRA, 2005). A seleção de conteúdos deve ser organizada a partir das necessidades do aluno, considerando seus interesses, fazes, dificuldades e ritmos na aprendizagem (GIL, 2000).

Paralelamente, os conteúdos precisam ter uma sequência determinada com graus de dificuldades, contudo flexíveis, que proporcionem sentido e significado para o aluno, que tenha utilidade em sua vida e promova o desenvolvimento da aprendizagem (CINTRA, 2014). A dimensão dos conteúdos refere-se a forma como a organização dos conteúdos será estabelecida através de conceitos, procedimentos e atitudes (OLIVEIRA; PERIM, 2009). A dimensão conceitual possibilita ao aluno o saber, a compreensão, a reflexão dos conceitos propriamente ditos, a dimensão procedimental refere-se ao aprender a fazer pelas realizações das ações e a dimensão atitudinal destinam-se aos valores e atitudes, o saber ser, expressos na aprendizagem dos alunos (DARIDO, 2000). A figura 3 ilustra um fluxograma sobre a seleção e organização de conteúdo.

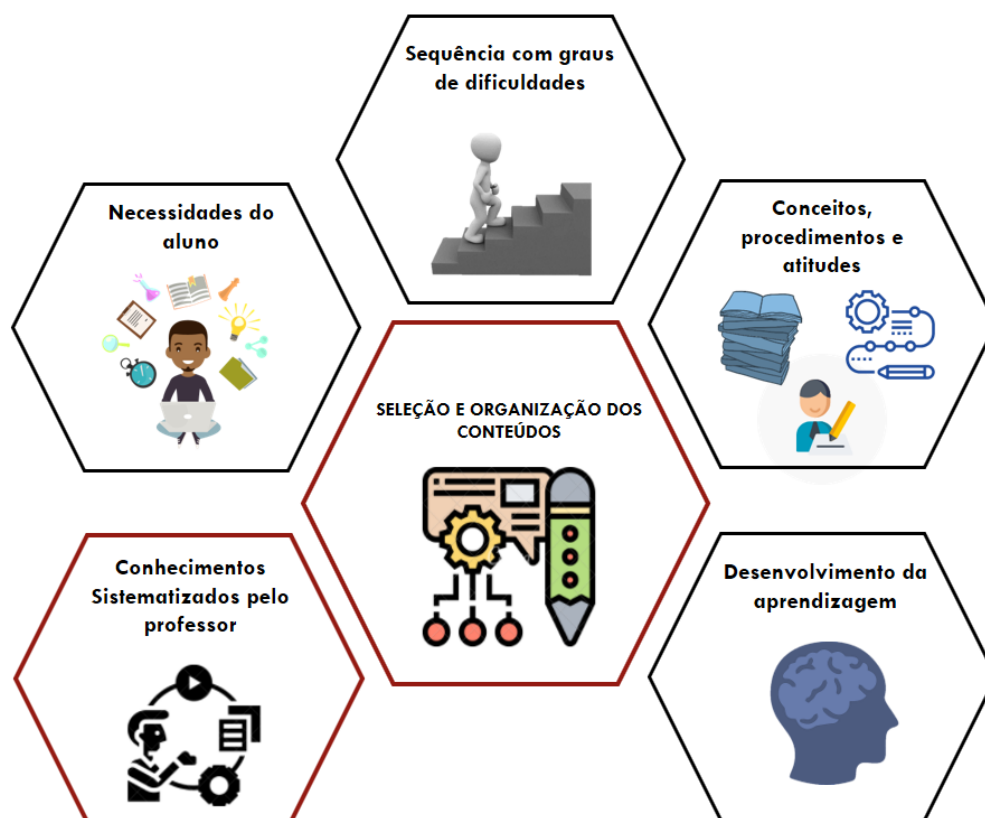


Figura 3. Ilustração sobre a seleção e organização de conteúdo.

Assim como os objetivos estão relacionados ao para que ensinar e os conteúdos ao que ensinar, as estratégias metodológicas/procedimentos metodológicos estão relacionados ao como ensinar (LIBÂNEO, 1990) e destinam-se aos caminhos, aos meios que se pretende seguir para alcançar os objetivos (SCHEWTSCHIK, 2017). As estratégias a serem utilizadas no desenvolvimento de cada conteúdo (GIL, 2000) para cada fase de aprendizagem. A metodologia adotada irá depender do conteúdo a ser ensinado, do nível de conhecimento da turma, do tempo da atividade. Existem diferentes exemplos de estratégias metodológicas que podem ser utilizadas na ação do plano, tais como: dinâmica de grupo, roda de

conversa, seminários, palestras, entre outras (SILVEIRA, 2005). A figura 4 ilustra um fluxograma sobre as estratégias metodológicas.

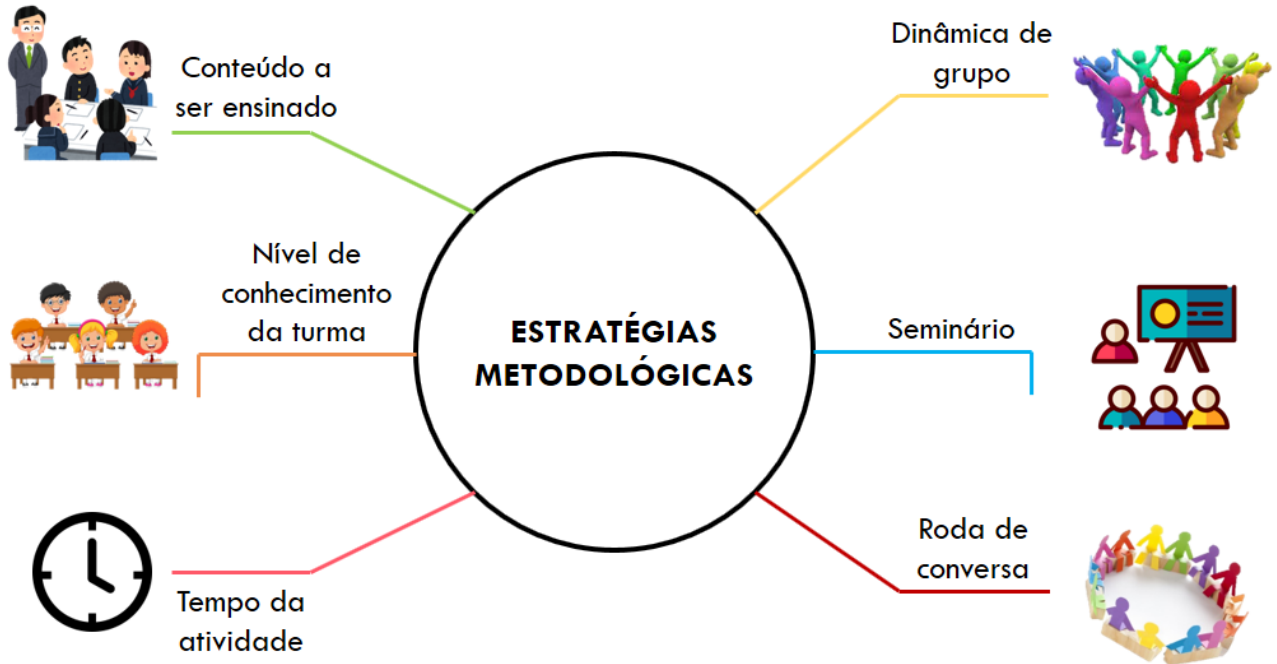


Figura 4. Ilustração sobre as estratégias metodológicas.

Conforme estabelecidas as estratégias metodológicas, segue-se a seleção de recursos que trata das escolhas dos materiais didáticos que contribuem na compreensão, na assimilação do aprendizado dos alunos (SANTOS; BELMINO, 2013). Destarte, recurso didático é todo instrumento utilizado como ferramenta potencializadora do conteúdo no processo pedagógico do professor (SOUZA, 2007). São os recursos didáticos, se bem escolhidos, responsáveis por atrair a atenção dos alunos, que causam maior ânsia de participação e envolvimento dos mesmos (CASTRO; MELLO; BOTELHO, 2017). Desse modo, os recursos didáticos precisam

ser escolhidos conforme o conteúdo ensinado, como também é importante que os alunos tenham uma familiarização com esses recursos, tornando assim as atividades mais atrativas e dinâmicas (OLIVEIRA; PERIM, 2009). Os recursos utilizados podem ser materiais da instituição de ensino ou mesmo construídos pelo professor e/ou professor-aluno, como por exemplo: o próprio quadro da sala de aula, data show, filmes, jogos, vídeos, imagens, passeios e materiais esportivos (SOUZA, 2007). A figura 5 ilustra um fluxograma sobre os recursos didáticos.

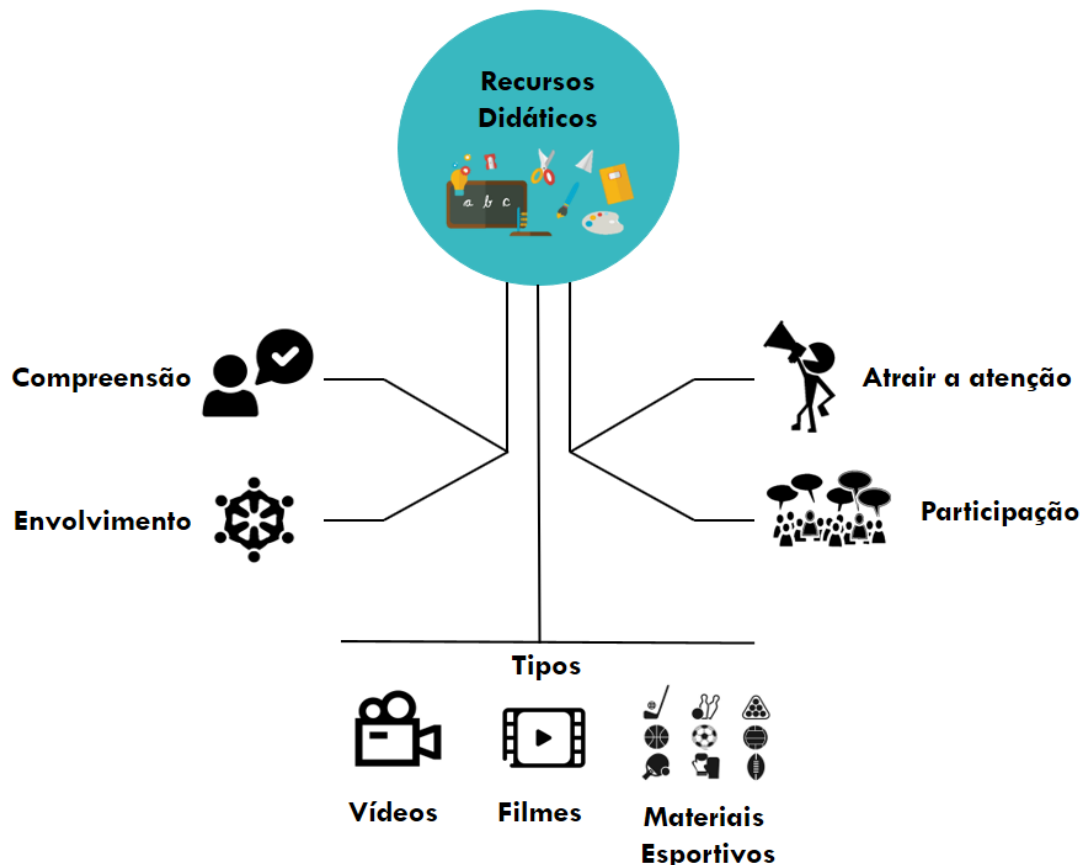


Figura 5. Ilustração sobre os recursos didáticos.

A avaliação de aprendizagem é outro elemento de suma importância da estrutura do plano de aula e deve ser realizada durante todo o processo de ensino

com a finalidade de alcançar os objetivos definidos e ser utilizada como um instrumento de controle da aprendizagem (KLOSOWSKI; REALI, 2008). De acordo com Luckesi (2008), a avaliação é uma forma de diagnosticar a condição de aprendizagem e contribui para a melhoria da qualidade do desempenho escolar do aluno. A avaliação tem função fundamental na prática pedagógica e permite que sejam realizados os devidos ajustes durante o processo para a melhoria da compreensão dos conhecimentos, habilidade e atitudes dos alunos (DARIDO, 2012). Logo, é por meio da avaliação que o professor constata a progressão da aprendizagem do aluno tal como suas limitações e dificuldades (NETO; AQUINO, 2009). Ou seja, com o uso da avaliação o professor pode traçar, replanejar sua conduta diante das atividades pré-estabelecidas.

Decidir sobre os processos avaliativos requer pensar nas seguintes questões: o que ensinar, como, para que, para quem e quando ensinar (AMARAL, 2008). No que se refere ao o que ensinar, a aprendizagem dos estudantes como também o planejamento e funcionamento da aula; o como ensinar constitui nos critérios e instrumentos para a avaliação; o para que ensinar trata-se da constatação que de fato os objetivos foram alcançados; o para quem constitui o aluno, tal como a preocupação da aprendizagem do mesmo e o quando ensinar abrange todo o processo de ensino, uma vez que a avaliação tem um caráter contínuo na prática pedagógica (AMARAL, 2008).

Existem diferentes formas de se avaliar, tais como: avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação somativa (SOBRINHO; SCARPIN, 2016). A avaliação diagnóstica acontece antes da aplicabilidade do conteúdo com a finalidade de

conhecer o aluno, seus gostos, suas características, suas habilidades (SOUZA; LORENSINI, 2020). A avaliação formativa foca no próprio processo de ensino-aprendizagem, ou seja, no tempo em que o aluno irá levar para aprender, em uma autoavaliação feita pelo próprio aluno identificando com o professor seus erros e suas evoluções (SILVA; MATOS; ALMEIDA, 2014). Assim como a avaliação diagnóstica está voltada para o início de um conteúdo, a avaliação somativa está para o final do mesmo e tem caráter classificatório por meio de notas (AMARAL, 2008). As figuras 6, 7 e 8 ilustram um fluxograma de uma avaliação diagnóstica, formativa e somativa respectivamente.



Figura 6. Ilustração de uma avaliação diagnóstica.

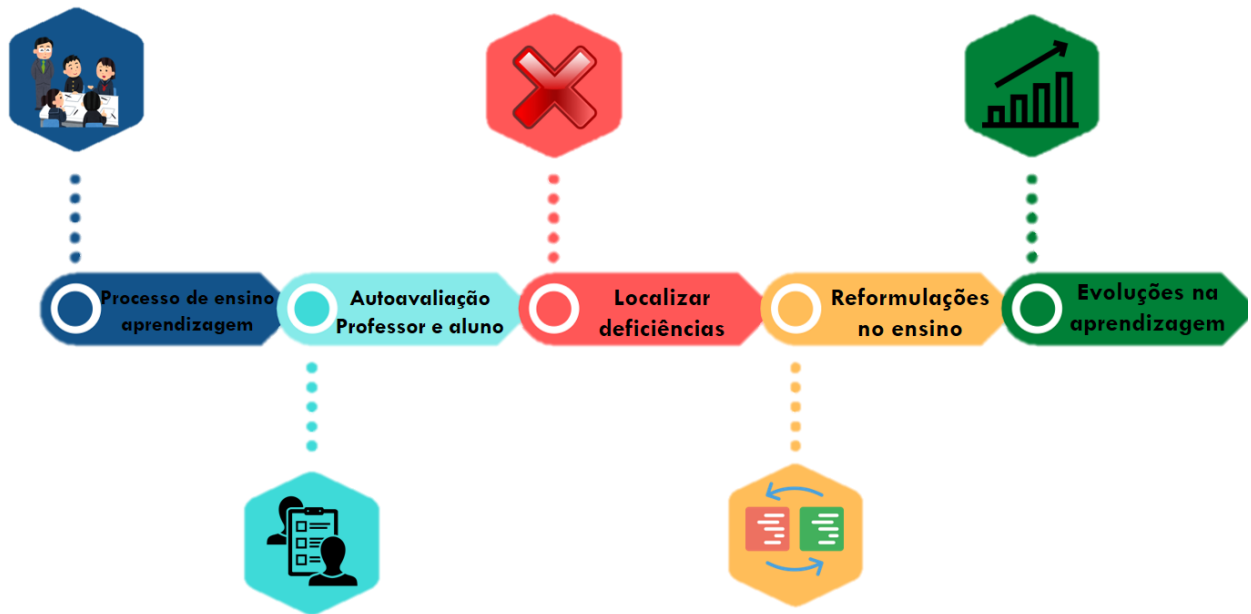


Figura 7. Ilustração de uma avaliação formativa.



Figura 8. Ilustração de uma avaliação somativa.

Logo, não é possível que exista improvisação na ação pedagógica, uma vez que esta exige toda uma estrutura sistemática para a realização da mesma (BOSSLE, 2002). Tal estrutura apresenta características como a previsão da aula, a definição dos caminhos que irão direcionar as ações pedagógicas e o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem (PADILHA, 2002).

Diante do exposto, é possível afirmar que o planejamento expressa uma série de ações, descritas por meio das estratégias, que o professor irá adotar para a sistematização dos conhecimentos, definições de objetivos, conteúdos, métodos, recursos e formas avaliativas, com base na realidade social dos alunos (LIBÂNEO, 1990). A figura 9 apresenta um modelo para orientação do planejamento.

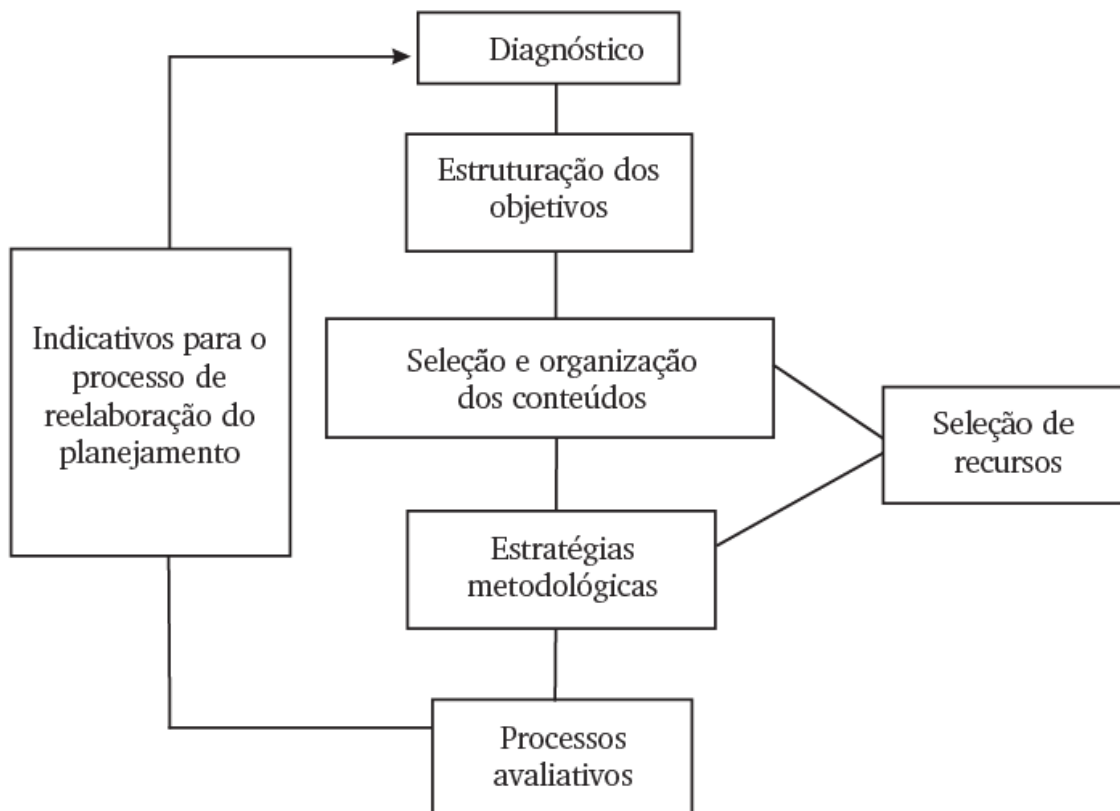


Figura 9. Modelo para orientação do planejamento (fonte: Oliveira; Perim, 2008).

3.3 Elaboração e aplicação dos planos de aula no contexto das deficiências

Durante a elaboração de um plano de aula o professor deve pensar em como o aluno pode progredir no decorrer das atividades, em como irá estimular esse desenvolvimento a partir de suas capacidades e não em focalizar em suas limitações (OLIVEIRA; PERIM, 2009). Entender as limitações do público que será atendido é extremamente importante para a elaboração desse plano, contudo não deve ser o foco principal do planejamento (OLIVEIRA; PERIM, 2009).

Paralelamente a essa elaboração, deve-se pensar nas estratégias que podem ser colocadas em prática durante a aplicação do plano de aula (OLIVEIRA; PERIM, 2009). Dessa forma, se um planejamento deve ser adequado para o público de acordo com suas necessidades de aprendizagem, a elaboração do plano de aula para pessoas com deficiências não deve ser diferente.

Ao pensar em como planejar um plano de aula para pessoas com deficiências, surgem indagações como: será que na deficiência a flexibilização do plano deve ser ainda maior? E ainda, quais as preocupações e os cuidados na hora de elaborar o plano para pessoas com deficiência? Para responder essas perguntas é preciso entender que, pessoas com deficiência, de maneira geral, apresentam alguma limitação, seja ela uma perda ou anormalidade intelectual, estrutural, na função fisiológica ou anatômica, em executar alguma atividade (BADLEY, 1993). Dentre os tipos de deficiência temos: deficiência física, deficiência sensorial, deficiência intelectual e deficiência múltipla, que serão descritas respectivamente. Dentre elas, a deficiência intelectual será tratada mais especificamente.

A deficiência física, também conhecida como deficiência motora, está relacionada ao comprometimento da função física do corpo humano, causando alterações completas ou parciais de uma ou mais partes do corpo (BADLEY, 1993). Essa deficiência pode ser causada por doenças ou lesões e apresentar graus diferentes (STRAPASSON; CARNIEL, 2007).

A deficiência sensorial afeta de forma parcial ou total os sentidos (auditivo e visual). Sendo a deficiência auditiva a perda parcial ou total das possibilidades auditivas sonoras (OLIVEIRA; PERIM, 2008). A deficiência visual é caracterizada pela perda total ou parcial da capacidade visual em ambos os olhos (OLIVEIRA; PERIM, 2008).

De acordo com a American Association of Intellectual and Developmental Disabilities (AAIDD) a deficiência intelectual (DI) corresponde a limitações significativas no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo, na diminuição da capacidade cognitiva, que comprometem a aprendizagem e as habilidades do indivíduo (AAIDD, 2021). Pessoas com DI têm dificuldade organizacionais, distrações, movimentos estereotipados, dificuldade nas habilidades entre outros (FARINHA, 2014). Dessa forma, pessoas com DI terão mais dificuldade em apresentar suas capacidades de cognição, o que torna o processo de ensino e aprendizagem um pouco mais lento (SOARES, 2013).

Por fim, a deficiência múltipla compreende a associação de duas ou mais deficiências, que pode variar entre tipo e grau das deficiências associadas, afetar os movimentos e a função cognitiva, comprometendo o funcionamento físico e/ou psíquico (GARCIA, 2006).

Partindo do pressuposto do conceito de deficiência e suas características, é crucial que o professor tenha conhecimentos essenciais sobre os alunos, relativo à particularidade da deficiência, bem como suas necessidades e limitações (SEABRA, 2012). Portanto, o ponto de partida para esses entendimentos e para elaboração do plano de aula deve ser o próprio aluno.

A partir disso, sabe-se que pessoas com deficiência, especialmente aqueles com deficiência intelectual, tem dificuldade de interação e comunicação, e algumas estratégias podem ser colocadas em prática no momento da aula, tais como: manter um contato visual, criar uma rotina, realizar reforço positivo, diversificar e adaptar as atividades (MOUSINHO et al., 2010). Adaptar as atividades é um aspecto primordial na aplicação dos planos de aula para pessoas com deficiência, adaptação dos conteúdos, do espaço, do tempo, dos materiais e até mesmo da estrutura de modo que permita ao aluno a participação integral da aula e contribuição no seu desenvolvimento (ALVES; DUARTE, 2014).

Diante disso, o processo de ensino e aprendizagem para pessoas com deficiência deve focar nas habilidades motoras, bem como nas dimensões cognitivas, corporais, afetivas e sociais (STRAPASSON; CARNIEL, 2007).

4 METODOLOGIA

4.1 Abordagem do estudo

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, uma vez que a preocupação está nos conceitos, nas ideias, nos significados, nos valores, onde o nível de realidade não pode ser traduzido em números (MINAYO et al., 2002). De característica descritiva, que visa descrever as características de um grupo ou fenômeno com o objetivo de observar e identificar tais fenômenos ou grupos (MANZATO; SANTOS, 2012). O presente estudo seguiu as recomendações da *Standards for Reporting Qualitative Research: A Synthesis of Recommendations*.

4.2 Característica da pesquisadora

A pesquisadora é graduanda do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRPE. O interesse pelo PST Paradesporto começou com uma participação na capacitação EaD – Capacitação do Protocolo de Observação de Aula do PST, onde a pesquisadora participou como monitora dessa capacitação no período de 23/10/2017 a 23/11/2017. A partir dessa capacitação, surgiram as primeiras aproximações com o PST padrão e, posteriormente, com o PST Paradesporto. Em seguida, a pesquisadora buscou participar do PST Paradesporto com o intuito de contribuir na melhoria da qualidade de vida dos participantes por meio dos planos de aula. Diante disso, a aproximação com os participantes se deu durante sua participação como monitora do

programa PST Paradesporto, que viabilizou contato direto com os participantes cujo interesse gerou a presente pesquisa. Para tal, eram realizadas reuniões de formação, que ocorriam semanalmente (toda sexta-feira), com explanação e apresentação, principalmente, de artigos científicos e discussão de capítulos de livros. Com esse estudo passava-se a elaborar os planos de aula, identificar os pontos negativos e positivos dos planos, o que precisava ser melhorado, se os materiais eram suficientes e adequados e com isso identificamos quais atividades que de fato funcionavam para esse grupo. Destarte, surgiu a necessidade de repensar o planejamento e mudanças e as estratégias que seriam adotadas no formato dos planos de aula.

4.3 Contexto

O estudo foi realizado no núcleo do PST Paradesporto, localizado no Departamento de Educação Física (DEFIS), na UFRPE. As atividades ocorriam dentro da sala de práticas e/ou na quadra poliesportiva. Tais locais foram escolhidos visando a estrutura adequada e a segurança na realização das aulas para os participantes. A escolha pela quadra também ocorreu por diversos fatores, dentre eles: quantidade de alunos e grau de deficiência, pois alguns alunos tinham mais dificuldade para participar das aulas em locais fechados. A execução do projeto ocorreu entre fevereiro de 2019 a março de 2020, nas segundas-feiras e quartas-feiras no horário das 13 às 17 horas, com os participantes, quatro monitoras do programa e o professor supervisor. As atividades foram interrompidas por medidas de segurança, devido ao cenário pandêmico provocado pela COVID 19.

O professor supervisor e as monitoras recebiam os participantes no local da aula, no primeiro momento era realizado uma roda de conversa como rito de entrada, com o intuito de acalmá-los, dialogar e informar sobre as atividades que seriam realizadas no dia, que duraria cerca de uma hora e trinta. Com as atividades previamente organizadas era solicitado que um dos participantes tentasse demonstrar para os demais como seria realizada tal atividade, sempre de forma espontânea. Logo depois, acontecia uma pausa de trinta minutos para que os participantes pudessem fazer o lanche. Logo após esse intervalo, os participantes retornavam para o local de aula e iniciava-se outras atividades, com duração de uma hora. Os participantes eram incentivados, mas não forçados a participar das atividades. Ao término das aulas era proposto aos participantes que ajudassem a guardar os materiais utilizados nas aulas, com o objetivo de estimular a autonomia dos mesmos. Durante as aulas os monitores e o professor supervisor participavam da realização das atividades, pois existiam alunos que apenas realizavam as aulas com o acompanhamento destes.

4.4 Estratégia de amostragem

A amostragem do estudo trata-se de uma amostragem por conveniência, que é caracterizada por uma amostragem não probabilística, onde os indivíduos não foram selecionados por meio de critérios pré-estabelecidos (FREITAG, 2017). Inicialmente houve divulgação do PST Paradesporto sob responsabilidade dos coordenadores do projeto (Prof. Rafael Tassitano e Prof. André Pirauá). A divulgação ocorreu por meio de cartazes, distribuídos na comunidade circunvizinha, alguns centros de atendimento

especializados e também no site institucional. Essas ações desencadearam em uma importante parceria que se tratou do contato sistemático com as instituições: Associação de Pais e Amigos Excepcionais (APAE), por intermédio de uma assistente social e a Associação de Família para Bem-Estar e Tratamento da Pessoa com Autismo (AFETO), por intermédio da coordenação da associação.

Diante disso, os participantes chegavam ao projeto por demanda espontânea e não houve critérios de elegibilidade, todos foram incluídos na pesquisa o que levou a uma diversidade de gênero, idade e deficiência. Tal decisão não ocasionou em interferências negativas na pesquisa, visto que o objeto de estudo foi a análise dos planos de aula para pessoas com deficiência. Apesar da relação entre pesquisador e participantes ser bem estreita devido aos cuidados, acompanhamento e do suporte que os alunos necessitavam para a realização das atividades, o pesquisador se manteve atento e imparcial aos aspectos que envolvem a pesquisa. Participaram do estudo 21 pessoas com deficiência, entre crianças, adolescentes e adultos, de ambos os sexos, idades e tipos de deficiências variadas. Na tabela 1 estão apresentadas as variáveis demográficas dos participantes.

Tabela1. Características demográficas dos participantes do Programa Segundo Tempo Paradesporto.

Variável	n	%
Gênero		
Feminino	6	29%
Masculino	15	71%
Faixa etária		
6 a 10	8	38%
11 a17	8	38%
18 a 25	5	24%
Tipo de deficiência		
Intelectual	18	86%
Física	0	0%
Sensorial	0	0%
Múltipla	3	14%

4.5 Questões éticas

Diante do objetivo proposto, que foi o de analisar os desafios e possibilidades durante o processo de elaboração e aplicação de 96 planos de aula no Programa Segundo Tempo Paradesporto, não foi necessária a submissão do projeto ao comitê de ética.

4.6 Métodos de coleta e análise de dados

Para a coleta dos dados, foram considerados 96 planos de aula, aplicados durante o período vigente do PST Paradesporto. As análises dos dados foram realizadas a partir de análises descritivas dos planos de aula, que foram interpretados e analisados durante toda elaboração, reelaboração e aplicação dos mesmos. Além

disso, ao final de cada aula eram discutidos os aspectos positivos e negativos do plano que foi aplicado. A discussão era feita entre o grupo de monitoras e o professor supervisor.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do contexto das deficiências, especialmente naquelas em que há predominância de limitações cognitivas, como é o caso da deficiência múltipla e intelectual, pode-se perceber que o plano de aula requer uma maior flexibilidade. Essa característica, de tornar o plano de aula mais flexível, visa atender as necessidades educativas do aluno para que o mesmo possa compreender e realizar as atividades propostas (LOPES, 2008).

No que tange a realidade do PST Paradesporto da UFRPE, a flexibilização dos planos de aula estava presente tanto na elaboração quanto na aplicação, visto que com o passar das aulas foi observado que nem todos os planos funcionavam com a estrutura de um plano de aula padrão. Diante disso, existiam desafios e dificuldades causados pela própria deficiência e pelas privações e limitações da mesma, como por exemplo a falta de concentração dos alunos, momentos de agitação, dificuldades de interação social entre outros.

Diante do exposto, houve a necessidade de flexibilização na elaboração e aplicação dos planos de aula. No que diz respeito a flexibilização da estrutura do plano, o diagnóstico foi realizado inicialmente para que o professor supervisor e as monitoras pudessem conhecer as especificidades de cada aluno, como eles reagiriam mediante outras pessoas, em quais momentos e com qual frequência aconteceriam os movimentos estereotipados (para os autistas), os momentos de agitação/distúrbios (para as demais deficiências), se era necessário e até quando precisariam da

presença do responsável, como outros aspectos como a idade, tipo e grau da deficiência dos alunos.

Os objetivos eram estabelecidos visando a autonomia dos alunos, onde estavam direcionados ao desenvolvimento global, para as habilidades motoras finas e grossas, direcionados ao desenvolvimento motor, intelectual, social e afetivo, sendo áreas importantes para o desenvolvimento de pessoas com deficiência (STRAPASSON; CARNIEL, 2007). Para tanto, as atividades propostas eram estabelecidas a partir de um sentido e significado, que se correlacionavam com as atividades instrumentais da vida diária dos alunos, como por exemplo: a autonomia para vestir sua própria roupa, saltar uma poça de água, conseguir se alimentar sozinho, ter uma melhor relação social, entre outros aspectos. Essas atividades, de acordo com os relatos espontâneos vindos dos responsáveis dos beneficiados, repercutiram em avanços importantes em relação ao desempenho dessas atividades instrumentais da vida diária.

Sobre os conteúdos, eram selecionados mediante as práticas esportivas e corporais, sempre de caráter adaptado. As adaptações das atividades consideravam as especificidades de cada deficiência, as limitações e dificuldades dos alunos (MARQUEZE; RAVAZZI, 2011). Tais adaptações devem contemplar: conteúdos cuidadosamente selecionados, que garantam a participação de todos; o material que será utilizado; utilização de demonstração; níveis de ajuda e instruções verbais, onde ocorra o reforço positivo e o estímulo da prática (OLIVEIRA; PERIM, 2009).

Inicialmente os conteúdos eram estabelecidos por aula, cada aula um conteúdo, como por exemplo: em uma aula apenas atividades que envolviam o

conteúdo da ginástica. Com o passar do tempo, foi observado que os alunos ficavam mais dispersos e o interesse pelas atividades diminuía, uma vez que realizar atividades sequenciais com apenas um conteúdo tornava-se monótono para os alunos. Diante desse cenário, as aulas passaram a ter mais de um conteúdo. Começava-se, por exemplo, com a ginástica, em seguida o conteúdo era voltado para jogos e por fim dança. Foram elaboradas diferentes atividades no plano de aula, que podiam ser entre três a cinco atividades no dia, tornando as aulas mais dinâmicas e diversificadas, com o intuito de amenizar a falta de concentração dos alunos e consequentemente sucesso na realização das atividades.

É importante destacar que, ao notar que as atividades não aconteciam como planejado no dia da aula, ocorriam mudanças parciais ou totais de atividades. As atividades de circuito, saltos, lançamentos, jogos com bola, construção e manipulação de objetos sempre foram elencadas como as melhores atividades, no sentido de serem bem aceitas e realizadas pelos alunos, sendo atrativas e dinâmicas para os mesmos.

Vale pôr em evidência que o desenvolvimento de hábitos sistemáticos e rotinas das atividades foi uma estratégia eficaz para minimizar as distrações e na obtenção do sucesso das atividades. Os resultados demonstram que as atividades precisavam ser repetidas, ou seja, ter uma rotina para maior compreensão de aprendizagem do aluno. Essa análise foi possível por meio da observação durante as aulas e da análise dos planos de aula ao final de cada aula, onde eram registradas quais atividades prendiam mais a atenção dos alunos, as que eram realizadas parcialmente e as que não ocorriam de forma alguma. Nas transcrições dos registros, de forma mais

detalhada, constavam pautas como: conhecer as características de cada aluno de acordo com suas necessidades, entender e reconhecer como adaptar e executar atividades com os alunos em diferentes níveis de habilidades.

Quanto a adaptação do método didático, foi estabelecido sempre o mesmo em todo os planos: aula de carácter prático, com iniciação de roda de conversa para explicar e exemplificar as atividades propostas. Após a explicação da atividade um aluno era convidado a demonstrar, a partir do seu entendimento, como a mesma seria realizada para os demais. A demonstração e a exemplificação são características importantes a serem aplicadas nas aulas para pessoas com deficiência, facilitando a compreensão dos alunos.

Os recursos didáticos evoluíam diferentes materiais, a depender das atividades como por exemplo: arcos, bolas, cones, cordas, trampolim, como também matérias que foram construídos em aula. Nas atividades de construção os alunos eram incentivados a participar integralmente da construção dos materiais e logo após experimentar, manusear e explorar o material construído. Pin pong com garrafa pet, espadas, bolinhas de jornal, bilboquê e peteca foram alguns dos materiais construídos pelos alunos. A escolha dos recursos materiais e sua construção sempre partia de um único princípio: segurança dos alunos. A escolha e a utilização correta dos recursos didáticos causam a curiosidade, interesse e motivação nos alunos no processo de ensino e aprendizagem (PILETTI, 2004).

A avaliação da aprendizagem ocorria por meio da observação e correções ao longo das atividades, que se caracteriza por avaliação diagnóstica e formativa. O processo de avaliação do aluno começava desde a sua recepção, onde era observado

inicialmente o comportamento do aluno, e permanecia ao longo da aula analisando suas atitudes no decorrer das atividades e suas progressões e dificuldades. É importante assistir o desenvolvimento do aluno para que sejam realizadas as adaptações necessárias (PENAFORT, 2006). De modo geral, a avaliação permitiu saber o grau de dependência de alguns alunos com os responsáveis e como seria possível conquistar a confiança desses ao ponto que não sentissem mais a necessidade da presença dos responsáveis nas aulas. Além disso, observa-se como os alunos reagem aos ambientes das aulas, a interação com os outros participantes e suas reações e relações com as atividades. No processo da avaliação o primordial sempre foi o acompanhamento do desenvolvimento dos alunos.

6 CONCLUSÃO

Ao analisar os desafios e possibilidades durante o processo de elaboração e aplicação de 96 planos de aula no Programa Segundo Tempo Paradesporto foi possível concluir que as maiores dificuldades perpassavam por atividades com características mais engessadas e/ou pela ausência de propostas alternativas. Diante disso, os planos além de incluírem atividades que possibilitem maiores variações na sua concepção, também deve incorporar atividades alternativas com conteúdos diversos no mesmo plano, mesmo que essas não sejam efetivamente utilizadas. Além disso, deve-se considerar as características dos alunos, especialmente ao tratar alunos com deficiências, uma vez que algumas dificuldades podem ser visualizadas de forma antecipada. Por fim, verificou-se a relevância de direcionar os conteúdos para uma abordagem mais aplicada ao contexto das atividades instrumentais da vida diária, com flexibilização total na elaboração e aplicação do mesmo a fim de auxiliar o desenvolvimento das capacidades necessárias ao desenvolvimento da autonomia dos alunos.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. A percepção dos alunos com deficiência sobre a sua inclusão nas aulas de Educação Física escolar: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 329–338, abr./jun. 2014.

ALVES, K. B. C.; NETO, J. C. DE F. A deficiência visual sob a luz da educação física. **Revista UNi-RN**, Natal, v. v.16 v.17, p. 153–167, jan./dez. 2017.

AMARAL, M. C. E. Julgar, medir, diagnosticar, formar... afinal, para que serve a avaliação? **Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, v. 1, n. 1, p. 129–145, nov. 2008.

AMERICAN ASSOCIATION OF INTELLECTUAL AND DEVELOPMENTAL DISABILITIES. **Intellectual Disability. Definition**. Disponível em: <<https://www.aaid.org/intellectual-disability/definition>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

BADLEY, E. M. An introduction to the concepts and classifications of the international classification of impairments, disabilities, and handicaps. **Disability and Rehabilitation**, Porto Alegre, v. 15, n. 4, p. 161–178, jan./abr. 1993.

BOSSLE, F. Planejamento de ensino na educação física - uma contribuição ao coletivo docente. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 8, n. 1, p. 31–39, 2002.

CASTRO, E. F. DE; MELLO, E. R. DE; BOTELHO, A. DE F. A utilização de recursos didáticos como instrumento indispensável para o professor. **Anais do Congresso de Iniciação Científica Estágio e Docência do Campus Formosa Prática Pedagógica e a Formação Docente: teoria e realidade**. Goiás, p. 1-14, 2017.

CINTRA, M. DO S. F. **OS DESAFIOS DO PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO DE CONTEÚDO**: uma experiência com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental I. 2014. 24 f. Monografia (Supervisão Escolar) – Universidade Candido Mendes, Instituto a Vez do Mestre Pós-Graduação “Lato Sensu”, São Luiz – MA.

DARIDO, S. **A Avaliação da Educação Física na Escola**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica. p. 127–141, 2012.

DARIDO, S. C. **Educação Física na Escola**: Conteúdos, duas Dimensões e Significados. p. 51–75, 2000.

FARINHA, A. P. V. **INCLUSÃO DE AUTISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**: Possibilidades pedagógicas que podem auxiliar em suas potencialidades. 2014.

FREITAG, R. M. K. Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência?

Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 1–20, set./out. 2017.

GALHARDI, A. C.; AZEVEDO, M. M. **Avaliações de aprendizagem**: o uso da Taxonomia de Bloom. VIII Wokshop de pós-graduação e pesquisa do Centro Paula Souza, p. 237–247, 2013.

GARCIA, M. Saberes e práticas da inclusão. Dificuldade acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla. **Ministério da Educação**, v. 8, n. 4, p. 1–62, 2006.

GIL, A. C. O estilo de atuação do professor universitário — uma questão de ênfase. Pensamento & Realidade. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração** - FEA. ISSN 2237-4418, v. 6, n. 0, p. 39–50, 2000.

KLOSOWSKI, S. S.; REALI, K. M. Planejamento de ensino como ferramenta básica do processo ensino-aprendizagem. UNICENTRO - **Revista Eletrônica Lato Sensu**, Porto Alegre, v. 5, 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

LOPES, E. Flexibilização Curricular: um caminho para o atendimento de aluno com deficiência, nas classes da educação básica. **Curitiba: Secretaria de Estado da Educação/Programa de Desenvolvimento Nacional/PDE**, p. 1–26, 2008.

LOPES, R. DE C. S. **A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem**. p. 1–28, 2009.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 19. ed. São Paulo: Cortez, v. 19, p. 9–152, 2008.

MANZATO, A. J.; SANTOS, A. A. Elaboração de Questionários na Pesquisa Quantitativa. **Departamento de Ciência de Computação e Estatística – IBILCE – UNESP**, p. 1–17, 2012.

MARQUEZE, L.;RAVAZZI, L. Inclusão de Autistas nas Aulas de Educação Física. **VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial**. Londrina, 2011.

MINAYO, M. C. DE S. et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

MOUSINHO, R. et al. Mediação escolar e inclusão: revisão, dicas e reflexões. **Revista Psicopedagogia**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 82, p. 92–108, fev./abr. 2010.

NETO, A. L. G. C.; AQUINO, J. DE L. F. A avaliação da aprendizagem como um ato amoroso: o que o professor pratica? **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n.

2, p. 223–240, ago. 2009.

OLIVEIRA, A. A. B. DE; PERIM, G. L. **Fundamentos pedagógicos para o programa segundo tempo**: 1º ciclo nacional de capacitação dos coordenadores do núcleo. Porto Alegre, 2008.

OLIVEIRA, A. A. B. DE; PERIM, G. L. **Fundamentos pedagógicos para o programa segundo tempo**: Da Reflexão À Prática. 1. ed. Maringá: Eduem, 2009.

PADILHA, P. R. **Planejamento Dialógico**: como construir o projeto político-pedagógico da escola. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PENAFORT, J. D. **Estratégias de Aula para Inclusão da Pessoa com Deficiência**: Da recepção do aluno deficiente em núcleos que ofereçam Educação Física Adaptada à escolha de atividades/turmas. São Paulo, p. 1–33, 2006.

PILETTI, C. **Didática Geral**. 23. ed. São Paulo: Ática, 2004.

RANGEL, J.; BARBOSA, A. A Avaliação da Aprendizagem como Processo Interativo: Um Desafio para o Educador. **Democratizar**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 1–9, jan./abr. 2008.

SANTOS, O. K. C.; BELMINO, J. F. B. Recursos Didáticos: Uma Melhoria Na Qualidade Da Aprendizagem. **Journal of Chemical Information and Modeling**, v. 53, n. 9, p. 1–12, 2013.

SCHEWTSCHIK, A. **O Planejamento De Aula: Um Instrumento De Garantia De Aprendizagem**. EDUCERE XII Congresso Nacional de Educação, p. 17, 2017.

SEABRA, L. Inclusão: Considerações Sobre as Pessoas com Necessidades Especiais na Escola. **Cadernos de Formação: Formação de Professores Didática dos Conteúdos**. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, v. 6, p. 104–111, 2012.

SILVA, D. S. G.; MATOS, P. M. S.; ALMEIDA, D. M. Métodos avaliativos no processo de ensino e aprendizagem: uma revisão. **Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel**, p. 73–84, 2014.

SILVEIRA, R. B. L. Planejamento de ensino: peculiaridades significativas. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 37, n. 3, p. 3–8, 2005.

SOARES, A. DE F. DA L. **Sequência Didática Como Estratégia De Ensino Interdisciplinar**: Uma Experiência Com Alunos Sequência Didática Como Estratégia De Ensino Interdisciplinar: Uma Experiência Com Alunos. 2013. 91 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa.

SOBRINHO, P. R.; SCARPIN, L. Práxis e reflexões da avaliação educacional. **Revista Humanidades e Inovação**, Tocantins, p. 26–37, 2016.

SOUZA, C. F. DOS S.; LORENSINI, S. R. G. Planejamento, avaliação e o fazer pedagógico. **Revista Multidebates**, Tocantins, p. 45–64, abr. 2020.

SOUZA, S. E. DE. **O Uso De Recursos Didaticos No Ensino Escolar**. I Encontro de Pesquisa em Educação. IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: Infância e Práticas Educativas. Arq. Mudi., v. 11, p. 1–5, 2007.

SPUDEIT, D. **Elaboração do Plano de Ensino e do Plano de Aula**. Rio de Janeiro, p. 1–8, 2014.

STRAPASSON, A. M.; CARNIEL, F. A Educação Física na Educação Especial. **Revista Digital - Buenos Aires**, v. 11, n. 104, p. 1–17, 2007.

TUBINO, M. J. G. **O que é o esporte**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, p. 7–67, 1993.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Plano de Aula PST Paradesporto: 10/04/2019



Ministério do Esporte
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Licenciatura em Educação Física



PROPOSTA DE PLANO DE AULA INTERVENÇÕES DO PST PARADESPORTO

1) Identificação da disciplina	
Horário das Aulas	13h00 às 16h00
Estagiários	Danielle Lira, Fabiana Luciano, Jessica Inez e Rosimery Alves
Professor supervisor	André Pirauá

2) Objetivo(s) da aula

- Relembrar as cores;
- Vivenciar atividades com jogos de memória;
- Explorar diversas maneiras de memorizar;
- Reconhecer e experimentar o trabalho em equipe.

3) Especificação do método de didático

Aula com caráter prático.

4) Especificação dos procedimentos de ensino da aula

1ª atividade: Jogo da memória com bolas coloridas (40 min) - os alunos serão divididos em grupos e terão que pegar uma bolinha colorida que estará escondida dentro de um cone, logo após colocá-lo dentro de um arco. Uma das minitoras dirá qual cor será escolhida.

2ª atividade: Pintar os desenhos que serão utilizados no jogo da memória dos animais (15 min)

3ª atividade: Jogo da memória com as figuras de animais pintadas (30 min)

O jogo será composto por 20 peças: 4 gatos, 4 vacas, 4 cavalos, 4 cachorros e 4 galinhas – os alunos divididos em grupos tentarão achar o par referente ao animal encontrado. Para realizar essa atividade a sequência seguirá de um aluno por vez (1 peça por aluno) até encontrar o par do animal e assim sucessivamente.

INTERVALO: 25 minutos

4ª atividade: Jogo da memória com as figuras de animais pintadas e não pintadas (20min) – os alunos divididos em grupos tentarão achar o par referente ao animal encontrado (será um desenho pintado e outro sem pintura) Para realizar essa atividade a sequência seguirá de um aluno por vez (1 peça por aluno) até encontrar o par do animal e assim sucessivamente.

5ª atividade: montar os arcos coloridos (15 min) - os alunos terão que montar os arcos com cores iguais. Essa atividade será uma mini competição, onde quem montar mais arcos ganhará o jogo.

6ª atividade: caminho dos Arcos (15 min) - Pegar o arco de trás e ir colocando na frente e assim sucessivamente.

5ª atividade: Dança (20min)

5) Avaliação da Aprendizagem

Observações e correções ao longo das atividades;
Roda de conversa.

6) RECURSOS MATERIAIS

- 14 arcos;
- 20 cones pequenos;
- Bolinhas coloridas;
- 20 partes do tatame;
- 4 cópias de cada desenho;
- Lápis de cor;
- Fita durex;
- Caixa de som;

8) Anotações

A melhor atividade desse dia foi a de jogo da memória dos animais, pois remetia a atividade das bolinhas coloridas.

APÊNDICE B – Plano de Aula PST Paradesporto: 23/10/2019



Imagem relacionada

Ministério do Esporte
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Licenciatura em Educação Física



**PROPOSTA DE PLANO DE AULA
INTERVENÇÕES DO PST PARADESPORTO**

1) Identificação da disciplina	
Horário das Aulas	13h00 às 16h00
Monitoras	Danielle Lira, Fabiana Luciano, Jessica Inez e Rosimery Alves
Professor supervisor	André Pirauá

2) Objetivo(s) da aula

- Desenvolver a coordenação motora fina e grossa;
- Desenvolver a agilidade;
- Diferenciar as cores;
- Lembrar as cores.

3) Especificação do método de didático

Aula com caráter prático.

4) Especificação dos procedimentos de ensino da aula

1º atividade: Acerta o alvo (30 min.): Os participantes serão divididos em grupos. Vai ser organizado uma coluna de cones pequenos com duas garrafas pet intercaladas entre os cones. Os grupos vão receber bolas e terão que acertar a garrafa pet.

2º atividade: Pegar as fitas na parede (30 min.): Os participantes colocarão as fitas na parede, em cores misturadas, divididos em dois grupos os alunos vão sair para pegar a cor que será escolhida pelas monitoras.

3º atividade: Pega balões (30 min.): Os participantes colocarão os balões na parede, em cores diversas. Divididos em grupos os alunos irão pegar os balões na cor dita pelas monitoras e colocarão esses balões em formas geométricas que estarão no chão, formadas por fitas.

INTERVALO: 30 minutos

4º atividade: Boliche (35 min.): Jogar as bolas de diferentes tamanhos nos cones pequenos.

5º atividade: Dança (20min)

5) Avaliação da Aprendizagem

Observações e correções ao longo das atividades;
Roda de conversa.

6) RECURSOS MATERIAIS

- Cones pequenos;
- Bolas;
- Garrafas pet;
- Balões;
- Fitas coloridas;

APÊNDICE C – Plano de Aula PST Paradesporto: 27/01/2020



Ministério do Esporte
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Licenciatura em Educação Física



**PROPOSTA DE PLANO DE AULA
INTERVENÇÕES DO PST-PARADESPORTO**

1) Identificação da disciplina	
Horário das Aulas	13h00 às 16h00
Estagiários	Danielle Lira, Fabiana Luciano, Jessica Inez e Rosimery Alves
Professor supervisor	André Pirauá

2) Objetivo(s) da aula

- Conhecer e vivenciar o crossfit;
- experimentar as diversas formas de como se equilibrar e saltar;
- vivenciar as diversas formas de equilíbrio e saltos através de brincadeiras, percebendo a importância da cooperação e trabalho em equipe.

3) Especificação do método de didático

Aula com caráter prático.

4) Especificação dos procedimentos de ensino da aula

1º atividade: Crossfit (composto por 8 estações- duração 1:10h/min): os alunos serão divididos em grupos (4 grupos), com a mesma quantidade de integrantes, onde cada grupo ficará em duas estações, tendo duração de 5 minutos e depois deverá trocar para a sequência de mais duas estações e assim sucessivamente.

1º Estação (quatro apoios no colchonete/tatame): serão colocados 3 quadrados do tatame e os alunos terão que andar com quatro apoios sobre eles;

2º Estação (passar pelos arcos em pé): os arcos serão dispostos em zigue zague e os alunos terão que passar pelos arcos em pé;

3º Estação (levantar e deitar o pneu): com a área demarcada para início e fim do percurso o aluno terá que levantar o pneu do chão e deitar novamente, assim seguirá todo o percurso (levantando e deitando o pneu) até a área demarcada com um cone para o fim do percurso.

4º Estação (correr entre os cones): o aluno terá que correr entre os cones fazendo zigue e zague;

5º Estação (puxar pneu): o pneu será amarrado com uma corda e colocado a uma distância de pelo

6º Estação (pular no step): os steps serão colocados no sentido horizontal e os alunos terão que pular sobre ele;

7º Estação (saltar nos arcos): arcos dispostos em fileira, os alunos terão que saltar dentro de cada arco. Só terminará a estação se saltar todos os arcos.

8º Estação (salto em distância): os alunos terão que realizar um salto o mais distante que conseguirem.

2º atividade (Caminhar com o arco-duração 10 min): os alunos serão divididos em filas, mantendo uma distância de um braço entre um e outro. O primeiro da fila recebe o arco passando pelo seu corpo, depois deve passá-lo para o segundo e assim sucessivamente, até que chegue ao último da fila (sem sair do lugar). Quando o arco chegar ao último, deve passar novamente até que chegue ao primeiro da fila.

INTERVALO: 30 minutos

3º atividade (passar pela corda-duração 20 min): os alunos serão divididos em filas, mantendo uma distância de um braço entre um e outro. Duas pessoas em cada grupo ficarão responsáveis para manusear a corda, enquanto os alunos realizaram as passagens pela corda seguindo os comandos do professor:

Corda no chão: o aluno terá que pular;

Corda na altura da canela: o aluno terá que pular;

Corda na altura do joelho: o aluno terá que pular;

Corda na altura do quadril: o aluno terá que ir por baixo da corda.

Obs: a corda seguirá o ritmo de baixo para cima (ascendente) e de cima para baixo (descendente).

4º atividade (SUSHI - duração 20 min): em duplas, cada aluno segura nas duas pontas do colchonete de emborrachado com uma bola pequena em cima onde terão que equilibrá-la até uma caixa e depositar a bola na mesma.

5º atividade (Serrote – duração 20 min): em duplas, os alunos devem ficar de frente para o outro de mãos dadas, aonde ao som da música as duplas da ponta da direita vai passando entre cada dupla por frente e por trás. O próximo da ponta faz o mesmo. O túnel: em duplas, os alunos ficam de mãos dadas por cima da cabeça, formando um túnel. A primeira dupla da ponta direita passa por cima do túnel e assim sucessivamente.

6º atividade (construção do desenho - duração 20 min): os alunos construirão algum desenho de acordo com o que lembram da aula ou que marcou o seu dia.

5) Avaliação da Aprendizagem

Observações e correções ao longo das atividades;
Roda de conversa.

6) RECURSOS MATERIAIS

- 20 colchonetes de emborrachado;
- 14 arcos;
- 08 cordas;
- 02 pneus;
- 04 estepes;
- 07 cones pequenos ou chapéu chinês;
- 04 cones grandes;
- 20 unidades de papéis de ofício;
- Lápis de cor.

8) Anotações

O circuito crossfit fez muito sucesso e os alunos amaram e passamos do tempo para uma hora e vinte minutos. Percebemos que a melhor parte do circuito foi puxar o pneu e pular os steps. Não fizemos o serrote.